

O ornitorrinco diante da morte

The platypus in the face of death

Pedro Henrique Santos Queiroz¹

Resumo: O ensaio retoma livremente a metáfora do ornitorrinco elaborada por Francisco de Oliveira, tomando-a como representação do animal político (*zoon politikon*) brasileiro. A partir do diálogo com a literatura internacional, questiona-se a forma singular com que a questão da mortalidade se coloca para o ornitorrinco diante de duas crises simultâneas representadas pela pandemia de covid-19 (ameaça de morte do corpo biológico - fim da vida como *zoé*) e de recessão democrática (ameaça de morte do corpo político democrático - fim da vida como *biospolitikos*).

Palavras-chave: Covid-19. Crise Política. Brasil.

Abstract: The essay freely returns to the platypus metaphor elaborated by Francisco de Oliveira, taking it as a representation of the Brazilian political animal (*zoon politikon*). Based on the dialogue with the international literature, the unique way in which the question of mortality arises for the platypus is questioned in the face of two simultaneous crises represented by the covid-19 pandemic (threat of death of the biological body - end of life *zoé*) and democratic recession (death threat to the democratic political body - end of life as *biospolitikos*).

Keywords: Covid-19, Political Crisis, Brazil.

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor de Sociologia geral do Instituto Federal do Ceará (IFCE) - Campus Crateús. Crateús, Ceará, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5219-6047>. E-mail: pedro.queiroz@ifce.edu.br



O ornitorrinco diante da morte

Apesar da natureza global de duas das crises mais importantes da atualidade - a crise sanitária (pandemia de covid-19) e política (a assim chamada recessão democrática) - suas repercussões têm sido vividas no Brasil de uma forma que talvez seja única no mundo. Ambas as crises são *de per se* muito graves porque nos colocam diretamente diante do problema da morte. De um lado, temos a ameaça de morte do corpo biológico contaminado por um agente patogênico viral para o qual não dispomos, no atual estado de desenvolvimento do aparato biomédico, de mecanismos adequados de tratamento ou cura. Por outro lado, o risco de morte do corpo político democrático afetado por um agente patogênico autoritário para com o qual tampouco encontramos meios satisfatórios de lidar no atual estado de desenvolvimento institucional e cultural das formas de organização da vida em sociedade.

A simultaneidade dessas duas crises coloca de forma radical a questão da morte para o homem que - se quisermos resgatar os termos que nos foram legados pela antiguidade clássica ocidental - se percebe e se pensa em sua humanidade como animal político (*zoonpolitikon*). A coincidência temporal da pandemia de covid-19 com a crise das instituições democráticas nos atinge de forma especialmente grave porque traz consigo a possibilidade de interrupção da vida do *zoonpolitikon* em um duplo sentido, qual seja: interrupção da vida (*zoé*) como simples fato de viver - que é comum a todos os viventes, sejam eles humanos ou não-humanos (por exemplo, animais, vegetais, deuses etc.) - e interrupção da vida política (*biospolitikos*), que é uma forma exclusivamente humana de convívio (ARENDR, 2007; AGAMBEN, 2007).

A seriedade do que está em jogo no momento atual (esse duplo sentido em que a questão da morte se põe para o animal político) ganha contornos ainda mais dramáticos quando o caso brasileiro é comparado ao cenário internacional.

O Brasil é atualmente um dos países mais afetados pela pandemia de covid-19. De acordo com o levantamento mais recente (às 8 horas da manhã do dia de hoje, 19 de junho) organizado pelo consórcio de veículos de imprensa a partir de dados das secretarias estaduais de saúde, o país acumula 47.897 mortes e 984.315 casos



O ornitorrinco diante da morte

confirmados, sendo 1.232 dessas mortes registradas nas últimas 48 horas. Em termos comparativos, estamos atrás apenas dos Estados Unidos em número de mortes (118.435) e casos confirmados (2. 191.200), segundo o painel de acompanhamento mantido pela *Johns Hopkins University*.

O Brasil é também hoje um dos casos mais preocupantes do fenômeno mundial de recessão democrática, termo cunhado por Larry Diamond em artigo de 2015 para se referir ao fim do ciclo iniciado em 1974 de aumento do número de países que podem ser considerados democracias (a assim chamada “terceira onda de Huntington”) e a formação de uma nova tendência, discernível sobretudo a partir de 2006, de aumento de casos de países que deixaram de ser democracias (por exemplo: Venezuela, Filipinas e Turquia) e de perda de qualidade das instituições de países que se mantêm como democracias (por exemplo: África do Sul e Coréia do Sul) (DIAMOND, 2015).

O livro *Como as democracias morrem*, publicado por Steven Levitsky e Daniel Ziblatt em 2018, atualiza e aprofunda o diagnóstico de Diamond e chama a atenção para a forma de morrer das democracias que vem se tornando mais comum nos dias de hoje. No passado, as democracias morriam por golpes clássicos, com tanques de guerra na rua e fechamento do Congresso, tornando relativamente fácil a tarefa de identificar o ponto exato de ruptura em que a democracia deixava de existir. Nos dias atuais, a *causa mortis* mais comum das democracias tem sido o desgaste contínuo das instituições desde o seu interior por líderes eleitos que atuam para desfigurar os processos democráticos pelos quais eles próprios conseguiram chegar ao poder.

Nesse sentido, a eleição em 2018 de Jair Bolsonaro para a presidência da República do Brasil acendeu um sinal de alerta que, desde então, não parou de se intensificar. Como vem insistindo nesse ponto Celso Rocha de Barros, o presidente Bolsonaro é provavelmente o político com discurso mais extremista e abertamente antidemocrático dentre todos os que atualmente exercem mandato de chefe de Estado em países democráticos (BARROS, 2019).

A negligência com que o governo de Jair Bolsonaro vem lidando com a pandemia de covid-19 é espantosa. As ações do governo têm sido inadequadas em vários sentidos:



O ornitorrinco diante da morte

a falta de medidas de cuidado e antecipação no momento em que a gravidade da pandemia já se revelava nos países que foram atingidos por ela antes do Brasil (por exemplo, China, Itália e Espanha); a minimização do problema em seu estágio inicial no Brasil; a incapacidade de coordenar esforços dos diferentes níveis de governo; a orientação estratégica errática das ações de intervenção sanitária e administração dos sistemas de saúde; a comunicação pública confusa com emissão de mensagens contraditórias para a população; a incapacidade de fazer testagens em massa; o vácuo de liderança e a disposição do presidente em seguir criando crises políticas dentre as quais cabe destacar a demissão de dois ministros da saúde no período de menos de um mês. Em síntese, a atitude do governo brasileiro em relação à pandemia de covid-19 tem sua representação mais emblemática na frase dita por Bolsonaro a repórteres que faziam a cobertura do Palácio do Alvorada no dia 28 de abril, quando o Brasil ultrapassou a marca de 5 mil mortos: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”.

O que se segue é a elaboração de algumas hipóteses de interpretação sobre as peculiaridades da resposta que a sociedade brasileira - entendida coletivamente como animal político (*zoon politikon*) - tem dado ao problema da morte, tal como ele se coloca nos efeitos combinados das crises causadas pela pandemia de covid-19 e pelas ameaças de morte do experimento democrático vigente no país no período da Nova República (do fim da ditadura civil militar de 1964 até o presente).

Para sondar a viabilidade dessa linha de interpretação, serão revisadas, a seguir, algumas elaborações produzidas por pensadores de vários países ainda nos primeiros meses da pandemia mundial de covid-19 que foram reunidas na coletânea *Sopa de Wuhan*, organizada pelo coletivo de mídia ativismo *Medionegro*. Num segundo momento, a experiência brasileira é retomada e posta em contraste com as contribuições desses autores estrangeiros.

*

Desde os primeiros estágios da pandemia de covid-19 no mundo, vários pensadores têm interrogado seu possível impacto nas relações entre Estado, sociedade civil e processo de acumulação capitalista a partir de configurações nacionais diversas.



O ornitorrinco diante da morte

Nesse sentido, é possível encontrar avaliações muito díspares quanto ao sentido de novidade das transformações em curso.

Escrevendo no final de fevereiro, Giorgio Agamben identificava na adoção de medidas pelo governo italiano, ao seu ver, desproporcionais e injustificadas, de restrição de liberdades individuais sob o pretexto de combate ao avanço da pandemia uma ilustração da “(...) tendência crescente a empregar o estado de exceção como paradigma normal de governo” (AGAMBEN, 2020, p. 18). Slavoj Žižek, por sua vez, em texto publicado poucos dias depois, vai em sentido oposto ao de Agamben ao reconhecer a necessidade médica fundamentada da quarentena e identificar nos efeitos disruptivos da pandemia a possibilidade de um golpe fatal ao estilo *Kill Bill* no governo comunista chinês, que, de alguma forma, se assemelha ao que o episódio do acidente nuclear de Chernobyl teria representado para o fim do comunismo soviético.

Ainda segundo Žižek, dada a importância relativa da China na atual divisão internacional do trabalho, os efeitos desse golpe fatal, muito provavelmente se estenderiam para o capitalismo global, tornando vãs todas as previsões de breve retorno à normalidade e trazendo para a ordem do dia a necessidade de regulação financeira, redefinição dos poderes dos Estados-nação e estabelecimento de uma rede global de assistência médica (ŽIZEK, 2020).

Passando do campo da Teoria Política para o registro da investigação estética e existencial, Francisco “Bifo” Berardi elabora um diário de quarentena com o título *Crônica da Psicodetração* no qual explora algumas implicações da ideia do coronavírus como “um vírus linguístico gerado por um biovírus” (BERARDI, 2020, p. 37) que, ao escapar dos saberes da medicina e de nossos sistemas imunológicos, compromete a previsibilidade e a calculabilidade requeridas pelo processo de valorização do capital. Com o termo “psicodetração”, Berardi busca se referir, portanto, a esse fenômeno de interrupção abrupta e inesperada dos ritmos de superexcitação, ansiedade e prostração que a máquina capitalista nos impõe.

Ainda de acordo com Berardi, a desaceleração dos corpos (físico-individual e social-coletivo) assinalada pelo termo “psicodetração” representa também uma



O ornitorrinco diante da morte

ampliação inesperada do horizonte de possibilidades de transformação social para além do permitido pela depressão profunda a que a imaginação política esteve submetida durante o longo período de hegemonia ideológica neoliberal.

Na entrada de 3 de março de seu diário de quarentena, Berardi registra o trecho a seguir com um desdobramento surpreendente do argumento de caracterização do estado de psicodelfação, que agora passa a ser identificado com a morte, única saída possível do edifício lógico sem saídas que constitui o sistema capitalista:

O capitalismo é uma axiomática, ou seja, funciona baseado em uma premissa não comprovada (a necessidade de crescimento ilimitado que torna possível a acumulação de capital). Todas as concatenações lógicas e econômicas são coerentes com esse axioma, e nada pode ser concebido ou tentado para fora desse axioma. Não existe uma saída política da axiomática do capital, não existe uma linguagem capaz de enunciar o exterior da linguagem, não há nenhuma possibilidade de destruir o sistema, porque todo processo linguístico tem lugar dentro dessa axiomática que não permite a possibilidade de enunciados eficazes extrassistêmicos. A única saída é a morte, como nos ensina Baudrillard. Só depois da morte poderemos começar a viver. Depois da morte do sistema, os organismos extrassistêmicos poderão começar a viver. Isto é, se sobreviverem, naturalmente, e sobre isso não há nenhuma certeza (BERARDI, 2020, p. 40).

De volta ao campo da Teoria Política, a partir de um enfoque analítico marxista mais tradicional Alain Badiou revela em texto de meados de março seu desconforto com a proliferação de análises e discursos muitas vezes sem fundamento e beirando o misticismo que, a seu ver, passariam por cima da “(...) aterradora simplicidade e ausência de novidade da situação epidêmica atual” (BADIOU, 2020, p. 69-70), qual seja a de que em situações extraordinárias como guerras, desastres naturais e epidemias, em que a continuidade e normalidade do processo de acumulação capitalista se vê ameaçada pela ação de um “inimigo externo”, o Estado burguês é convocado a assumir um protagonismo maior do que o que seria “típico” numa economia de mercado. Esse maior protagonismo do Estado na atividade econômica pode se dar por vias mais diretas ou indiretas por coordenação e planejamento do setor privado. Tanto em um como em outro caso, o Estado capitalista pode eventualmente “passar por cima” dos interesses imediatos dessa ou daquela fração da classe proprietária dos meios de produção.



O ornitorrinco diante da morte

Seja como for, essa situação não altera em nada a natureza da dominação burguesa de que o Estado é a expressão política e cuja preservação no longo prazo constitui o propósito mesmo do emprego dessas medidas excepcionais. Em suma, a previsão de Badiou é que a pandemia de covid-19 não terá como legado “(...) nenhuma consequência política significativa em um país como a França” (BADIOU, 2020, p. 77).

Também escrevendo em meados de março, mas a partir de outro contexto, Byung Chul-Han observa como os países asiáticos (China, Coreia do Sul, Singapura e Taiwan) já estavam àquela altura se saindo significativamente melhor, com menor número de mortes e contaminações do que os países europeus, que assumiam então o posto de epicentro mundial da pandemia. Chul-Han identifica como principal fator explicativo para tal a maior capacidade demonstrada por esses países em dispor de grandes volumes de informação para fins de monitoramento e controle epidemiológico. Essa vantagem comparativa dos países orientais, por sua vez, se explica por diversos fatores, quais sejam: a) econômicos, por razões de avanço tecnológico desses países nas áreas de tecnologia da informação (sobretudo de *big data*) e de capacidade industrial instalada (para a provisão de testagens em massa, por exemplo); b) políticos, pela presença de melhores condições de vigilância e disciplina da população (a China, como se sabe, é uma ditadura de partido único) e c) culturais, como um maior coletivismo e a constituição de um senso de privacidade diverso do que o encontrado nos países ocidentais.

Dessa maneira, para Chul-Han uma das mudanças mais significativas que podemos esperar para o mundo pós-coronavírus seria a redefinição do próprio conceito de soberania, de forma tal que daqui em diante o poder soberano tenderia a se definir não tanto por sua capacidade de determinar o abrir e o fechar de fronteiras de um país ou decretar estado de sítio e passaria a se identificar cada vez mais como o controle da maior quantidade de dados. Nesse sentido, Chul-Han se contrapõe diretamente às previsões de Žižek e coloca suas fichas na previsão de que o capitalismo global seguirá “ainda mais pujante” no pós-pandemia, com a tendência de cópia do modelo chinês de



O ornitorrinco diante da morte

“(...) modelo de Estado policial digital” pelos demais países (CHUL-HAN, 2020, p. 109-110).

Paul Beatriz Preciado, por sua vez, desenvolve um diagnóstico em sentido próximo ao de Chul-Han ao identificar no momento atual a aceleração de processos já em curso que envolvem a passagem a um novo modo de gestão biopolítica. Em suas palavras:

Estamos passando de uma sociedade escrita para uma sociedade *cyber*, de uma sociedade orgânica a uma sociedade digital, de uma economia industrial a uma economia imaterial, de uma forma de controle disciplinar e arquitetônica a formas de controle microprotéticas e midiaticocibernéticas (PRECIADO, 2020, p. 172)

Nesse novo modelo, que encontra no cenário da pandemia seu “(...) grande laboratório de inovação social” (PRECIADO, 2020, p. 179) o *locus* preferencial de formatação de corpos politicamente dóceis e economicamente úteis se desloca das típicas instituições disciplinares de confinamento e normalização (prisões, escolas, fábricas, hospitais, quartéis etc.) para o interior de nossos domicílios pessoais, agora incorporados aos circuitos de teletrabalho, teleconsumo e vigilância. Nesse sentido, Preciado nos convoca a identificar nossos corpos, subjetividades e locais de moradia como campos de disputa política para que tenhamos condições de passar de uma “(...) mutação forçada a uma mutação deliberada” (PRECIADO, 2020, p. 184).

*

Diante do atual cenário de crise, a imagem do ornitorrinco, evocada por Francisco de Oliveira no título de seu célebre ensaio de 2003, parece se mostrar mais uma vez adequada para indicar a singularidade evolutiva da vida social brasileira quando comparada às “soluções adaptativas” encontradas por outras “espécies” em outras partes do mundo. A metáfora do ornitorrinco, esse “bicho enigmático e disforme”, “que não é isso nem aquilo” (SCHWARZ, 2003, p. 7 e 15) foi empregada originalmente por Oliveira para descrever o retrato peculiar de uma formação socioeconômica que é moderna, urbana, industrial e sem qualquer resquício “pré-capitalista”, mas que tem se mostrado incapaz de dar o “salto” tecnológico característico da passagem da segunda



O ornitorrinco diante da morte

para a terceira revolução industrial (digital-molecular), além de concentrar parte crescente de sua força de trabalho no setor de serviços, sobretudo no mercado informal. Em suma, “o ornitorrinco capitalista é uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão” (OLIVEIRA, 2003, p. 141).

Hoje, dezessete anos após a publicação do ensaio de Oliveira, quando o mundo vislumbra a entrada no que alguns já identificam como uma quarta revolução industrial (automação, inteligência artificial e *big data*), a imagem do ornitorrinco volta a nos assombrar em sua capacidade de ilustrar a peculiaridade evolutiva da vida social brasileira. Vejamos então como o ornitorrinco - aqui tomado livremente como metáfora do animal político brasileiro - se comporta em seu *habitat* natural quando tentamos capturá-lo com as redes analíticas que nos foram dadas pela contribuição de pensadores de outros países.

*

O receio expresso por Agamben quanto à possível usurpação autoritária de garantias individuais sob pretexto de combate à pandemia simplesmente não se aplica ao caso brasileiro. O desprezo que o governo federal demonstra pela orientação de políticas públicas com base em evidências científicas e seus ataques reiterados às tentativas de governadores e prefeitos de promover políticas de isolamento são fatores que contribuem para descartar como infundada para o caso brasileiro a via de destruição da democracia vislumbrada por Agamben.

Essa conclusão, no entanto, não serve como atestado de boas condições de saúde das instituições democráticas no Brasil. Afinal, não há como ignorar a gravidade de fatos como a participação pessoal do presidente Jair Bolsonaro em manifestações pedindo o fechamento do Congresso Nacional e do STF; ameaças de militares da ativa e da reserva contra instituições da República e a ocupação crescente de postos administrativos do poder executivo federal por militares. Para dizer de forma clara: as ameaças de morte do bolsonarismo à democracia brasileira estão apoiadas em reivindicações de legitimidade que não são as da racionalidade tecnocrática, quais sejam: do mero corporativismo e do obscurantismo anticientífico.



O ornitorrinco diante da morte

Também os argumentos trazidos por Badiou a partir de sua apreciação do caso francês parecem não aderir muito bem à realidade brasileira. Com efeito, o governo Bolsonaro parece ávido em se alinhar aos interesses econômicos mais predatórios e de curto prazo (expansão do desmatamento da Amazônia, liberação irrestrita de agrotóxicos, insistência em boicotar as medidas de isolamento social em favor da reabertura das atividades econômicas o quanto antes e a qualquer custo), sendo mesmo difícil discernir em suas ações qualquer racionalidade estratégica além da garantia de sobrevivência política do governo.

Quanto aos processos de redefinição da própria noção de soberania e dos padrões biopolíticos referidos tanto por Chul-Han quanto por Preciado, ao que parece mais uma vez o ornitorrinco ficará pelo meio do caminho da “evolução natural das espécies”. Nesse sentido, a baixa quantidade de testes diagnósticos aplicados é um dos principais indicadores do modo “voo às cegas” seguido pelo governo brasileiro na forma como vem lidando com a pandemia de covid-19. A alienação de poder soberano do Estado brasileiro em termos de capacidade de disposição e controle de informações pode ser medida pela decisão tomada pelo governo federal de não mais divulgar os dados epidemiológicos, que só voltaram a ser disponibilizados ao público por decisão expedida pelo ministro Alexandre de Moraes do STF no dia 8 de junho. É, nesse sentido, revelador que diante da persistência de problemas de limitação dos dados e de sua forma de apresentação pelo governo federal, alguns dos principais órgãos da imprensa brasileira formaram um consórcio inédito para levantamento próprio de informações a partir de dados colhidos diretamente junto às secretarias estaduais de saúde.

Por fim, o processo de deflação psíquica indicado por Berardi - que traz em si a possibilidade de abertura de horizontes de alternativas inesperadas à imaginação política - parece esbarrar, no caso brasileiro, em uma contratendência que poderíamos chamar de inflação psíquica bolsonarista. Nesse sentido, a manutenção de um estado permanente de agitação e ansiedade pelo ruído incessante do noticiário político de Brasília se apresenta como contraponto à desaceleração corporal característica da deflação psíquica identificada por Berardi.



O ornitorrinco diante da morte

Quanto ao desafio lançado por Preciado para que assumamos nossas formas de ser no mundo como campo de batalha e tenhamos condições de disputar ativamente o sentido do processo de mutação por que estamos passando, torna-se imperativo resistir ao assédio constante da inflação psíquica bolsonarista e lutar pelo controle de nossas capacidades de atenção consciente e percepção sensível.

*

No exercício aqui seguido foi tentada uma interpretação do cruzamento entre duas crises que levam o animal político brasileiro (aqui representado pela metáfora do ornitorrinco) a confrontar o problema de sua morte. A principal constatação obtida nesse esforço foi da insuficiência das respostas obtidas no contato com a inteligência crítica de outros contextos nacionais. Diante das ameaças de interrupção de sua vida em sentido biológico (*zoé*) e político (*biospolitikos*), o ornitorrinco precisará, portanto, encontrar dentro de si mesmo a maior parte das respostas e energias necessárias para fazer o que precisa ser feito no momento: lutar pela sobrevivência, afastar pulsões suicidas, encaminhar seu luto de forma digna e encarar a finitude da existência como condição que dá sentido à vida.

Referências

AGAMBEN. Giorgio. Homo Sacer. **O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

AGAMBEN. Giorgio. La invención de una epidemia. *In*: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BADIOU, Alain. Sobre la situación epidémica. *In*: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

BARROS, Celso Rocha de. A Queda. Hipóteses sobre o governo Bolsonaro. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, ed. 150, março de 2019.



O ornitorrinco diante da morte

BERARDI, Franco “Bifo”. Crónica de lapsicodeflación. *In: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.*

CHUL-HAN, Byung. La emergencia viral y el mundo de mañana. *In: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.*

DIAMOND, Larry. **What is Democracy?** Stanford, 24 jan. 2004. Disponível em: <https://diamond-democracy.stanford.edu/speaking/lectures/what-democracy>. Acesso em: 04 de mar. 2021

DIAMOND, Larry. Facing up to the democratic recession. **Journal of Democracy**, v. 26, n.1, p. 141-155, 2015.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

OLIVEIRA, Francisco de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PÊSSOA, Samuel e LISBOA, Marcos. **O Valor das ideias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. Apreendiendo del virus. *In: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.*

SCHWARZ, Roberto. Prefácio com perguntas. *In: **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.*

ZIZEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo al loKill Bill. *In: Agamben G., Zizek S., Nancy JL., Berardi F., Petit SL., Butler J., et al. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.*

Notícias

BRASIL tem 47897 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa (atualização das 8h). **G1**, 19/06/2020, Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/19/brasil-tem-47897-mortes-por-coronavirus-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensaatualizacao-das-8h.g.html>>. Acesso em: 04 de mar. 2021.



O ornitorrinco diante da morte

CORONAVIRUS RESOURCE CENTER. **Johns Hopkins University Medicine**. Acesso: Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

E DAÍ? Lamento. Quer que eu faça o quê? diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; sou Messias mas não faço milagre. **G1**, 28/04/2020, Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eufaca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 04 de mar. 2021.

Texto recebido em 27/06/2020 e aprovado em 04/02/2021

DOI: 10.46269/10221.523